

## **ENSINO POR COMPETÊNCIAS E HABILIDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA: DO DESEMPENHO REAL À NECESSÁRIA FORMAÇÃO DOCENTE**

Nilza Consuelo Alves Pinheiro, GPEFORM-UFTM  
[nilza\\_pinheiro@uberabadigital.com.br](mailto:nilza_pinheiro@uberabadigital.com.br)

Que cenário, atualmente, serve de figura-fundo para caracterizar a educação brasileira: Excelência? Fracasso? As avaliações externas e a mídia têm apontado indicadores de fracasso no ensino brasileiro. Por exemplo, na edição nº 877, de 27.09.2006, a Revista Exame trazia, em sua capa, a manchete: “Um estudo inédito do Banco Mundial sobre a qualidade da educação coloca o Brasil na última posição entre os países emergentes”.

Posteriormente, em 2007, a manchete da Folha de São Paulo do dia 08 de fevereiro estampava: “Educação do país piora em dez anos”. Também, dados do Ministério da Educação – MEC – sobre os resultados da Prova Brasil/2007 indicam que as médias nacionais dos alunos do 5º e do 9º ano do ensino fundamental, em Língua Portuguesa, em uma escala de proficiência de 125 a 375, são, respectivamente, 171,40 e 228,93.

Diante destes números, chega-se à conclusão de que a educação básica carece, urgentemente, ser repensada, uma vez que os índices apontam desempenho abaixo do básico entre os alunos. Tais resultados demandam reflexões, tais como: por que os alunos não desenvolvem competências e habilidades em Língua Portuguesa, já que a utilizam como comunicação e expressão? Será um problema de aprendizagem ou de ensinagem?

Nessa direção, um questionamento evidencia-se: os professores de Língua Portuguesa estão sabendo desenvolver suas aulas na perspectiva da organização do ensino por competências e habilidades indispensáveis aos alunos no ensino fundamental? Especificamente, quanto à Língua Portuguesa, é essencial que tenham visibilidade e compreensão sobre essa forma de organização do ensino que, no atual cenário, servem de referência como diretrizes norteadoras do processo ensino-aprendizagem, em diferentes sistemas de ensino. Especialmente, o professor de Língua Portuguesa pode contribuir para o sucesso desse desafio, pois pode articular com os outros componentes curriculares a

comunicação e expressão; anuncia e denuncia, por meio do uso da palavra, dando-lhe força e sentido próprios. (BAKHTIN, 1986)

Nesta pesquisa, busca-se discutir o atual estágio de compreensão em que se encontram os professores de Língua Portuguesa que atuam no ensino fundamental, após cursos de formação continuada na área, quanto ao desenvolvimento de suas aulas na perspectiva da organização do ensino por competências e habilidades.

### **Da habilidade à competência: interfaces de um fazer ético**

Até o final da década de 1960, o ensino era associado à transmissão de conteúdos estanques, hierarquicamente selecionados. Os alunos, considerados passivos, recebiam informações que os professores lhes depositavam acriticamente. (FREIRE, 2005). As informações transmitidas a esses alunos quase nunca resultavam aplicação a suas vivências diárias.

A partir da década de 1970, com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação – TIC –, a educação é instigada a assumir o desafio de “[...] formar indivíduos competentes, que saibam lidar com os recursos tecnológicos disponíveis na sociedade”. (PINHEIRO & CHAVES, 2006, p. 26). Esta proposta de educação coloca à escola o desafio de não só instrumentalizar os alunos, mas também disponibilizar-lhes ferramentas a serem utilizadas em seu cotidiano. Importa, sobretudo, desenvolver com os educandos o saber-fazer bem, de modo que eles conquistem a sua autonomia e se sintam fortalecidos na construção de sua identidade. (RIOS, 2004).

Acompanhando uma tendência mundial, na década de 1990, diferentes documentos orientadores das políticas educacionais brasileiras, entre os quais os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 1998) – PCNs – deslocam o foco do ensino dos conteúdos conceituais para o desenvolvimento de competências e habilidades. O aluno torna-se o eixo norteador do seu processo de formação. Defendia-se que, mais que conceitos, tornava-se indispensável a esses alunos o desenvolvimento de atitudes, valores, comportamentos, ética, entre outras dimensões. É importante ressaltar que tal proposta não excluía os conteúdos disciplinares do currículo.

Daí surge uma indagação: o que são competências e habilidades? Macedo (2006, p. 21) esclarece:

Competência é o modo como fazemos convergir nossas necessidades e articulamos nossas habilidades em favor de um objetivo ou solução de um problema, que se expressa num desafio [...] uma estrutura que coordena, articula – de modo interdependente – diversos fatores.

Por exemplo, cita-se um árbitro de futebol. Para ser competente, ele deverá, entre outras habilidades, aplicar as regras do jogo, acompanhar a movimentação da bola e dos jogadores em campo, observar as orientações dos seus auxiliares e manter sua autoridade durante uma partida. É essencial que ele saiba mobilizar, com agilidade, seus conhecimentos conforme a necessidade e o momento oportuno, sem se limitar a eles. (PERRENOUD, 1999). Assim, ele vai desenvolvendo a competência de ser um bom profissional.

Ainda, Macedo (2006, p. 20) define habilidades como

[...] conjuntos de possibilidades, repertórios que expressam nossas múltiplas, desejadas e esperadas conquistas. [...] As habilidades referem-se, especificamente, ao plano do saber fazer e decorrem, diretamente, do nível estrutural das competências (básico, operacional e global) já adquiridas e que se transformam em habilidades.

Nessa perspectiva, busca-se exemplo na Literatura: ao trabalhar a intertextualidade<sup>1</sup>, utilizando gêneros textuais diversos, o aluno pode comparar, interpretar e analisar, tendo como referência o contexto em que tais textos foram produzidos. (GERALDI, 1993) Cada uma destas ações constitui o saber-fazer do sujeito, ou seja, são habilidades que ele desenvolve em suas práticas diárias em vários ambientes. Por isso, ressalta-se a importância de, na escola, explorar com os alunos, em suas diversas nuances, a linguagem. Esta contribui de forma excepcional para a formação das competências leitora e de produção de textos, entre outras.

Considerando que

[...] a linguagem atende tanto à função comunicativa quanto à cognitiva, uma vez que há uma estreita relação entre linguagem e cognição, convém que os aprendizes executem tarefas diversificadas nas quais os professores possam, a partir de trocas verbais em situações naturais, fornecer-lhes os instrumentos

---

<sup>1</sup> Intertextualidade intergêneros = um gênero com a função de outro. (MARCUSCHI, 2003).

necessários a um comportamento discursivo consciente. (PINTO, 2003, p. 50).

O autor em questão convoca os professores a assumirem a função de mediadores entre os alunos e sua comunicação e expressão. Não se pode negar que toda a equipe docente participa do processo dialógico com os alunos. Igualmente, não se pode negar que o professor de Língua Portuguesa tem o privilégio de, com os alunos, investigar a e na Língua o código de comunicação.

A seguir, será discutida a contribuição do professor de Língua Portuguesa e as tessituras comunicacionais na formação das competências e habilidades básicas dos alunos na sala de aula do ensino fundamental.

## **A Língua Portuguesa: artesanato na comunicação e expressão na sala de aula do ensino fundamental**

Diante desse cenário até aqui esboçado, torna-se importante investigar as contribuições do professor de Língua Portuguesa, que atua no ensino fundamental, quanto ao desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos. Este professor está sabendo planejar suas aulas de acordo com a organização do ensino por competências e habilidades?

É fundamental investir-se nesta discussão uma vez que, além de se utilizar a língua como representação de ideias e como código de comunicação e expressão, na sala de aula, ela é explorada como componente do currículo pleno da escola. Na Era da Informação, quem detém a palavra tem mais poder. Poder de persuasão, poder de articular as informações reais, necessárias e possíveis, dependendo dos interlocutores. SACRISTAN, 1999).

Falar, ouvir, ler e escrever são habilidades básicas da Língua Portuguesa para o ensino fundamental. Os desdobramentos daí advindos resultam um conjunto de habilidades necessárias ao desenvolvimento de novas competências.

Freire (2005, p. 95) enfatiza que “[...] não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico”. A inovação apresentada por esse autor refere-se ao fato de esses sujeitos terem as suas maneiras próprias de interpretar o enunciado. Em qualquer que seja a situação de diálogo,

essa interlocução pode ser comparada à forma como se compõe um artesanato, posto que os sujeitos vão construindo seu discurso como uma narrativa, pacientemente, tecida e transmitida e, paulatinamente, interpretada e compreendida. Para Benjamin (1985, p. 10), o artesanato pode permitir,

[...] devido a seus ritmos lentos e orgânicos, em oposição à rapidez do processo de trabalho industrial, e devido a seu caráter totalizante, em oposição ao caráter fragmentário do trabalho em cadeia, por exemplo, uma sedimentação progressiva das diversas experiências e uma palavra unificadora.

Para se tecer uma peça artesanal, algumas condições são fundamentais, como a paciência para organizar o trabalho, o desejo de se lançar ao desafio, a persistência para chegar ao fim da tarefa e, sobretudo, o talento para dar forma à arte. Esse tempo de criação possibilita ao artesão interagir com sua obra, porquanto, à medida que a compõe, sente-se responsável por sua criatura.

Wright Mills (1975) defende que se torna rico entremear as experiências pessoais ao processo intelectual, formando, assim, um artesanato em que se unem vivências e conhecimento. Dessa forma, a consistência, em toda situação dialógica, faz-se presente.

O professor, como um dos sujeitos da sala de aula pode propiciar situações de interação para que os alunos façam seu artesanato lingüístico, o texto, com um caráter de totalidade. Como articular sentidos, razões, significados e língua portuguesa, por meio de competências e habilidades, nessa conjuntura?

Buscando compreender as questões anteriormente levantadas, desenvolveu-se uma pesquisa, que será discutida, a seguir.

## **A formação continuada do professor de Língua Portuguesa para a organização do ensino por competências e habilidades: passos e descompassos.**

Além de se compreender se os professores de Língua Portuguesa têm clareza quanto às competências e habilidades que devem desenvolver com seus alunos, no ensino fundamental, cabe indagar se estes professores estão sendo formados nesta perspectiva para trabalharem a organização do ensino. Os professores

queixam-se de que, na formação inicial, não tiveram contato com tal abordagem. Logo, fica claro que cabe às instituições de formação continuada aproximar a teoria e a prática. Será que esta hipótese se sustenta?

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa de campo, em uma abordagem qualitativa, envolvendo um universo de doze profissionais docentes de Língua Portuguesa e uma coordenadora de cursos de formação continuada na área em foco. O estudo buscou investigar até que ponto professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental, após cursos de formação continuada na área, têm compreensão sobre as competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento dos alunos nesta etapa de escolaridade. Foram utilizados como procedimentos de coleta de dados questionários orientados por um roteiro semiestruturado.

Quanto ao papel social da escola, os profissionais depoentes, em sua maioria, acreditam que diz respeito à sistematização do conhecimento por meio do processo ensino-aprendizagem. Apenas um deles elencou o ensino de competências e habilidades. Percebe-se que prevalece o discurso oficial nas palavras dos professores questionados, ainda que as práticas de sala de aula venham apontando o foco no ensino em detrimento da aprendizagem.

Ao indagar se os docentes compreendem os conceitos de competências e habilidades, a metade do universo pesquisado respondeu que está em processo de compreensão. Entretanto, percebe-se a inconsistência teórica no depoimento de quatro professores que declaram domínio regular sobre o assunto. É preocupante tal situação, visto que a demanda atual das políticas públicas em educação prioriza a prática da organização do ensino por competências e habilidades.

Por outro lado, alguns avanços foram detectados na pesquisa. Quando se direcionou a pergunta para as competências e habilidades necessárias a cada ano de escolaridade do ensino fundamental, três docentes manifestaram-se positivamente, assegurando que as identificam conforme a série em que atuam. Acredita-se que estes professores já estejam elaborando os planos de curso orientados pelas diretrizes de seu Sistema, que já adota essa organização do ensino.

Também se considera avanço não só a declaração de uma professora que buscou ajuda com a pedagoga da escola onde atua e hoje afirma, segura, que consegue elaborar o portfólio<sup>2</sup> corretamente, como ainda os depoimentos de sete professores que organizam atividades segundo as Matrizes de Referência de Língua Portuguesa da Prova Brasil. Reconhece-se que este é um grande passo, já que a proposta é relativamente nova e os professores não estão familiarizados com a linguagem ali instituída.

Se, por um lado, há avanços, por outro lado, não podem ser ignorados os grandes desafios que ainda permanecem. Há professores que confundem competência, habilidade e objetivo. Por exemplo, o professor B definiu como competência para os alunos da sexta série: *“Compreender a proposta de produção textual, oral ou escrito, e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto proposto ou escolhido”*. Aí, percebe-se que houve equívoco quanto à formulação da competência a ser desenvolvida, com um misto de objetivo geral e operacional no mesmo enunciado.

Ainda, outro desafio a ser superado refere-se ao conceito de descritores. Este mesmo professor propôs o desenvolvimento da seguinte competência: *“Inferir regras de acentuação gráfica”*. Nota-se que o professor confundiu-se, pois “inferir” remete aos fundamentos dos gêneros discursivos, leitura e produção de textos; por outro lado, regras de acentuação gráfica são utilizadas como regularidades observadas em paradigmas morfológicos e se situam no domínio de análise e reflexão sobre a língua.

Nessa direção, a professora E citou como competência a ser construída: *“Identificar os alunos que não têm fluência na leitura”*. Também, nesse caso, torna-se urgente rever os conceitos de competência e objetivo. Este enunciado traduz um objetivo operacional e não uma competência.

Pelos depoimentos citados, pode-se afirmar que existe uma parcela de professores de Língua Portuguesa que necessita aprofundar seus estudos quanto às competências e habilidades que os alunos do ensino fundamental precisam desenvolver. Se os próprios docentes não as dominam, com certeza não

---

<sup>2</sup> Portfólio: Pasta que se utiliza para apresentação profissional ou comercial; porta-fólio.

trabalharão com segurança na sala de aula. (MARQUES, 2003; CONTRERAS, 2002; FALSARELLA, 2004; KLEIMAN, 1999).

Quanto à coordenadora de curso de formação continuada docente sobre a referida temática, foram feitas as seguintes considerações: têm sido propiciadas aos professores de Língua Portuguesa condições de frequentarem cursos de formação continuada. No ano de 2007, foi oferecido o curso intitulado “Diretrizes Curriculares e interdisciplinaridade no ensino de Português”, a três turmas com noventa cursistas.

Em 2008, sessenta e três cursistas distribuídos em duas turmas participaram do curso “A gestão da sala de aula e a formação do professor de Língua Portuguesa”. Nesse universo de formação, 89% dos cursistas eram professores desse componente curricular. Em ambas as temáticas, de 2007 e 2008, abordou-se a organização do ensino por competências e habilidades.

Durante o período em que os cursos aconteciam, a coordenadora percebia, por meio dos relatos de experiências, que havia professores que demonstravam conhecimentos prévios sobre a temática, com questionamentos pertinentes sobre os conceitos de competências e habilidades e, ainda, discutiam e sanavam dúvidas sobre a adequação de determinados descritores ao planejamento de aulas. Por outro lado, a coordenadora relatou que uma parcela significativa de docentes, terminou os cursos sem domínio das temáticas abordadas.

Outra consideração importante da coordenadora do curso de formação diz respeito à questão teoria e prática docente. Ela relatou:

*Como a exigência maior foi o trabalho com oficinas, trabalhamos atividades interdisciplinares, sempre relacionando teoria e prática, inclusive literatura e linguística aplicada com atividades/estratégias de leitura, escrita e interpretação associando aos conteúdos explicitados nas Diretrizes Municipais.*

Neste depoimento, está claro que as Diretrizes Curriculares Municipais de Uberaba constituíram-se uma das referências dos cursos disponibilizados aos professores de Língua Portuguesa de Uberaba, em 2007 e 2008. Além disso, acredita-se que as oficinas são espaços prazerosos de práticas pedagógicas.

Ao solicitar à referida coordenadora uma avaliação sobre as atividades realizadas ao longo dos cursos, ela afirmou: “A maioria do grupo foi interessada e participativa. [...] muitos não tiveram tempo para fazer os registros necessários,



*bem como as reflexões e associação com a teoria disponibilizada”.* Registros, uma cultura ainda pouco presente nas práticas docentes. Quanta riqueza os professores deixam de registrar em seu percurso profissional! Práticas exitosas, inovações brilhantes que poderiam contribuir com o avanço da qualidade do ensino e da aprendizagem perdem-se no cotidiano das salas de aulas.

Por último, indagou-se à coordenadora qual a relevância deste curso para os professores na sala de aula, ao que ela respondeu:

*De acordo com as avaliações finais, com a média de 98% de satisfação (excelente) e os depoimentos durante os cursos, constatei que alguns professores já começaram a aplicar atividades sugeridas e ainda mudaram a postura enquanto professor-leitor e, ainda repensaram estratégias de leitura e escrita aplicadas em sala de aula.*

Analisando este depoimento, conclui-se que houve uma excelente avaliação sobre os referidos cursos disponibilizados aos profissionais docentes. O grau de satisfação está explícito na média 98% de conceito Excelente. Também é importante citar que alguns professores já compreendem a forma de trabalhar por competências e habilidades. Isto é um indicador de que vale a pena investir-se na formação de professores.

## **Considerações Finais**

Nesta pesquisa, buscou-se discutir o atual estágio de compreensão em que se encontram os professores de Língua Portuguesa que atuam no ensino fundamental, após cursos de formação continuada na área, quanto ao desenvolvimento de suas aulas na perspectiva da organização do ensino por competências e habilidades.

Após interpretação dos dados levantados nos questionários respondidos pelos sujeitos pesquisados, ficaram evidenciados avanços muito importantes, a saber:

- Houve docentes que demonstraram trabalhar na perspectiva de se estabelecerem competências e habilidades necessárias aos alunos do ensino fundamental, conforme o ano de escolaridade. Ainda que representem um grupo muito pequeno, acredita-se, poderão contagiar seus pares;

- Nota-se que esses poucos professores já absorveram a cultura do ensino por meio de competências e habilidades e, por isso, consideram tal trabalho mais uma inovação que visa melhorar a qualidade da educação;
- Pelo depoimento da coordenadora de cursos de formação continuada nessa área temática, conclui-se que, quando são disponibilizados espaços e tempos de estudos, muitos cursistas aceitam e procuram vencer os desafios que lhes são propostos;
- O trabalho com oficinas, além de propiciar ao grupo de estudo a utilização da metodologia de projetos interdisciplinares, possibilita-lhes aproximar teoria e prática para a aquisição de conhecimentos;
- Sobretudo, é preciso ressaltar que alguns professores pesquisados manifestaram-se gratificados pela oportunidade de poderem aplicar, em suas aulas, muitas atividades sugeridas nos cursos frequentados por eles, mudando posturas até então cristalizadas em seu fazer pedagógico.

Por outro lado, são sinalizados desafios arrojados, tais como:

- Alguns profissionais docentes repetem o discurso oficial sobre a função social da escola como agência de sistematização do conhecimento por meio do processo ensino-aprendizagem, mas, na prática, continuam com o foco no só ensino.
- Uma grande parcela de professores sente-se insegura quanto à discussão sobre a temática em questão e permanece com dificuldade em compreender e organização do ensino por competências e habilidades;
- Um contingente significativo dos docentes investigados também insere metas, descritores e objetivos, no componente curricular de Língua Portuguesa, confundindo-os com as competências requeridas aos alunos do ensino fundamental;
- Existem professores que ainda não relacionam a importância de compreenderem tal temática, como forma de prepararem seus alunos para, além de sua formação cidadã, participar de avaliações sistêmicas propostas, em nível federal, estadual ou municipal.

Pelos indicadores acima apresentados, constata-se que a maioria dos professores de Língua Portuguesa tem contribuído timidamente para que seus alunos desenvolvam as competências e habilidades necessárias ao ano de escolaridade que frequentam. Diante dessas constatações, cabe uma indagação: como mudar este cenário? É possível que os professores superem suas dificuldades e ampliem sua área de atuação com habilidade e competência?

Mais que um trocadilho, evidencia-se a necessidade de se propiciar formação continuada aos professores quanto à organização do ensino por competências e habilidades. Novos espaços formadores, novos ambientes de aprendizagem devem ser criados, disponibilizados e explorados pela instituição escolar no planejamento de suas ações. Acredita-se que os docentes queiram investir em seu aperfeiçoamento profissional. Querem, com isso, ser valorizados e desejam aprender e ensinar efetivamente com prazer e inteireza, com competência e habilidade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7ªed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. – MEC – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. MEC- **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.

CONTRERAS, José. **A Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. Aportes teóricos e reflexões da prática: a emergente reconfiguração dos currículos universitários. In: MASETTO, Marcos T. (Org.). **Docência na universidade**. Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Práxis)

FALSARELLA, Ana Maria. **Formação continuada e prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. – (Coleção formação de professores).

**FOLHA DE SÃO PAULO**. São Paulo, 08 fev. 2007. Caderno Brasil - p. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 1993.

KLEIMAN, Ângela B. Concepções da escrita na escola e formação do professor. In: VALENTE, André. (Org.). **Aulas de Português: perspectivas inovadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 67-82.

MACEDO, Lino de. Competências e habilidades: elementos para uma reflexão pedagógica. In: BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): fundamentação teórico-metodológica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2005, p. 13-28.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

MARQUES, Mario Osorio. **A formação do profissional de educação**. 4.ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e competência**. 14. ed., São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época).

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PINHEIRO, Nilza C. A. & CHAVES, Fátima Garcia. Ensino por competências, por projetos e por objetivos. In: CUNHA, Valeska G. Rezende da. (Org.).

**Licenciatura: História**/Universidade de Uberaba. Uberaba: Universidade de Uberaba, Vol. 2; Etapa II, 2006, p. 26-32.

PINTO, Padilha. Gêneros discursivos e ensino de língua inglesa. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 47-57.

**REVISTA EXAME**. São Paulo: Abril. nº 877. p. 1. agos.set. 2006.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

WRIGHT MILLS, C. **A imaginação sociológica**. RJ: Zahar. 1975.